

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**PAULO ROBERTO MARQUES DE FERNANDES**

**O MODO DE VIDA M'BYÁ- GUARANI: DA ALDEIA A UMA PROPRIEDADE  
AGRÍCOLA NÃO-INDÍGENA**

**Santo Antônio da Patrulha /RS**

**2011**

**PAULO ROBERTO MARQUES DE FERNANDES**

**O MODO DE VIDA M'BYÁ- GUARANI: DA ALDEIA A UMA PROPRIEDADE  
AGRÍCOLA NÃO-INDÍGENA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.**

Orientador: Prof. Dra. Rumi Regina Kubo

Coorientador: Patrícia dos Santos Pinheiro

**Santo Antônio da Patrulha /RS**

**2011**

**PAULO ROBERTO MARQUES DE FERNANDES**

**O MODO DE VIDA M'BYÁ- GUARANI: DA ALDEIA A UMA PROPRIEDADE  
AGRÍCOLA NÃO-INDÍGENA**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.**

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha 28 de julho de 2011.

---

Prof. Dra. Rumi Regina Kubo - Orientador  
UFRGS

---

Prof. Ieda Cristina Alves Ramos  
UFRGS

---

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen

**“Os Guarani continuam nos ensinando a viver. Não são um problema, mas uma solução  
a muitas de nossas questões vitais”**

Bartolomeu Meliá.

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais Adroaldo e Irene (*in memoriam*), pelo amor, formação e educação.

Dedico esse sucinto trabalho de graduação à Professora Doutora Maria Marques, Professora Emérita dessa Universidade, para mim apenas “Tia Maria”. A ela meu sincero agradecimento pelos seus também sinceros votos de incentivo.

Dedico também esse trabalho acadêmico aos meus filhos Emiliano e Mariana, tentando mostrar que conseguimos vencer quando há persistência e dedicação.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de demonstrar minha gratidão a todas as pessoas que direta ou indiretamente foram responsáveis pela realização dessa empreitada.

Primeiramente gostaria de manifestar meus agradecimentos a Professora Rumi Kubo, minha orientadora, pela sugestão da forma desse trabalho, com características de narrativa oral, além da precisão das orientações competentes e igualmente, a Patrícia Pinheiro, coorientadora, pelas suas sugestões, presteza nas solicitações e orientações.

Agradeço a toda equipe do Pólo Universitário de Santo Antonio da Patrulha, direção, secretaria, monitores, serventes, enfim todas as pessoas responsáveis pelo funcionamento do referido pólo.

Agradeço a equipe do PLAGEDER, professores, tutores, seu mentor, Professor Lovois de Andrade Miguel e a todos os que trabalharam e trabalham para que se efetivasse esse curso. Um agradecimento especial à Eliane Sanguiné e Professora Tânia Cruz, pela organização e competência.

Um agradecimento especial para as incansáveis e dedicadas tutoras Luciana Fofonka, Sonia Ramos e Terezinha Oliveira, mais que tutoras, tornaram-se amigas.

A todos os colegas em especial aos componentes de trabalhos em grupo, como Samuel, Fernanda, Adriana, Denise, Zilma, Nelda, Daniele, Rinaldo, Marco Antônio, meu muito obrigado.

À colega e amiga Nelda Bühler, meu muito obrigado por ter me ajudado a organizar esse trabalho em sua fase final.

Agradecimento especial a Virginia, que me apresentou os Guarani e desde então temos caminhado juntos, eu, ela e os Guarani de Riozinho.

Agradeço ainda à Virgínia pelo companheirismo e parceria nesses quase quatro anos de curso.

Aos meus irmãos Antonio Augusto e Luis Eduardo agradeço sensibilizado as manifestações de incentivo e força a mim dispensados.

Agradeço sensibilizado a todos os Guarani com os quais convivo, convivi e conviverei, pela lição de vida e os ensinamentos a mim relatados e compartilhados.

Um agradecimento especial a Seu Alberto Brisuela, pela paciência de revelar-nos sua história de vida, bem como a sua esposa, Dona Maria Célia, os filhos Miguel, Felipe e todas as crianças (e “ex-crianças”) da família com as quais venho convivendo nos últimos onze anos.

Muito Obrigado!

*Avaeté!*

## RESUMO

Esta monografia de final de curso de graduação aborda aspectos da Cultura *M'Byá-Guarani*, como a sua mobilidade espacial, sua territorialidade, relações de parentesco e com a sociedade envolvente. A abordagem do estudo é feita através de ferramentas da etnografia, como caderno de anotações, fotografias, além da narrativa oral e entrevistas. Para a realização do presente trabalho foi reconstituída a trajetória (mobilidade espacial) de um núcleo familiar *M'Byá-Guarani* assentado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Riozinho, RS, a partir da história de vida de seu formador o Seu Alberto Brisuela. A partir desta trajetória foi construída uma narrativa sobre o núcleo familiar *M'byá-Guarani*, de modo a descrever os deslocamentos e os desdobramentos deste, vivenciados por esse núcleo. Esta construção/reconstituição enfatiza a mobilidade do núcleo familiar, suas motivações e a relação deste núcleo familiar com o Desenvolvimento Rural.

**PALAVRAS-CHAVE:** *M'Byá-Guarani*, mobilidade, cultura, territorialidade, cosmologia, narrativa visual, fotografia digital, desenvolvimento rural.

## ABSTRACT

This monograph by the end of graduation course covers aspects of the *M'Byá*-Guarani culture, as its spatial mobility, its territoriality, family relationships, as well as the involved society. The approach of the study is done through the ethnography tools, such as notebooks, photographs, besides oral narrative and interviews. For the realization of this work, the trajectory (mobility space) of the *M'Byá*-Guarani family nucleus was reconstructed, that it was seated by the National Foundation of Indian (FUNAI), in Riozinho, RS, by the life story of its former, Mr. Alberto Brisuela. From this trajectory has been constructed a narrative about the *M'Byá*-Guarani family nucleus in order to describe the dislocations and the developments of it, experienced by this core. This construction/reconstruction emphasizes the mobility of the family, its motivations and the relationship of family nucleus with the Rural Development.

Keywords: M'BYA-Guarani, mobility, culture, territoriality, cosmology, visual narrative, digital photography, rural development.



## LISTA DAS FIGURAS

Figura 01: Ilustração das migrações M'Byá-Guarani.....	13
Figura 02: Território <i>M'Byá-Guarani</i> no Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.....	14
Figura 03: Aldeias Guarani do Litoral do Estado do Rio Grande do Sul.....	17
Figura 04: Trajetória percorrida por Seu Alberto.....	25
Figura 05: Seu Alberto em seu barraco.....	26
Figura 06: Seu Alberto, Dona Maria Célia e Luís.....	28
Figura 07: Seu Alberto e Luís juntando pinhão.....	29
Figura 08: Seu Alberto e Luís na varanda de casa.....	30
Figura 09: Casa de núcleo familiar <i>M'byá</i> Guarani.....	33
Figura 10: Dona Maria Célia na varanda de sua casa durante entrevista.....	33
Figura 11: Seu Alberto confeccionando balaios para vender.....	35
Figura 12: Mãos M-byá Guarani, de Miguel Brisuela, mostram o milho sagrado ( <i>Avaxi</i> ).....	36
Figura 13: Crianças à frente da casa de reza ( <i>opy</i> ).....	36
Figura 14: Miguel Brisuela mostra um <i>petyngué</i> de barro.....	37
Figura 15: Luís posa diante de um eucalipto.....	38
Figura 17: Seu Alberto e Luís mostram o poteiro com palmeira ( <i>pindó</i> ).....	39
Figura 18: Porca com leitões, ao fundo a casa de moradia da família <i>M'byá</i> .....	39
Figura 19 – Seu Alberto contempla local eleito para a próxima lavoura de milho.....	40
..	

## **LISTA DE SIGLAS**

CEASA	Central Estadual de Abastecimento
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
ONG	Organização não Governamental
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro S.A
PLAGEDER	Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

## SUMÁRIO

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2. <b>TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE M'BYÁ-GUARANI</b> .....	13
2.1 Deslocamentos <i>M'byá</i> -guarani.....	13
2.2 Os <i>M'byá</i> -guarani do litoral do Rio Grande do Sul.....	16
2.3 Metodologia e delineamentos iniciais da pesquisa.....	21
3. <b>A TRAJETÓRIA (MOBILIDADE) DE UM NÚCLEO FAMILIAR M'BYÁ -GUARANI</b> .....	23
3.1 O caminhar de Seu Alberto e sua família.....	24
4. <b>A MORADA MAIS RECENTE: ALDEIA PINDOTY</b> .....	32
4.1 Aldeia Pindoty.....	34
5. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
6. <b>REFERENCIAS</b> .....	44
7. <b>APÊNDICE</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

Os Guarani, em sua origem remota, possuíam uma proximidade étnica com a nação Tupi e Tupinambá (JECUPÉ, 2007). Nos últimos quinhentos anos, a partir da colonização de espanhóis e portugueses, foi paulatinamente perdendo-se a unidade dos vários subgrupos existentes no interior da etnia. Inicia-se um período de desagregação cultural (SCHADEN, 1974), pelos apresamentos e perseguições ocorridas (JECUPÉ, 2007) e pela ação de religiosos católicos espanhóis durante o período das missões jesuíticas, quando esses quiseram substituir a religião primeva pela religião da “Santa Madre Igreja”.

Conforme afirma Moisés Bertoni (*apud* JECUPÉ, 2007), remotamente esse povo possuía uma escrita, semelhante à hebraica e egípcia. Na atualidade, desde que se passou a estudar o povo Guarani, onde segundo Egon Schaden “o estudo de Curt Nimuendajú de 1914 é o mais importante sobre a cultura Guarani” (1974, p. 14, nota num. 2), são reconhecidos pela transmissão oral de sua cultura, cosmovisão e religiosidade.

Por haverem sido historicamente perseguidos, expropriados, catequizados, escravizados, os *M'byá*-Guarani optaram por morar em locais de difícil acesso, longe do não-índio (*juruá*), principalmente na Mata Atlântica costeira do país, de Sul a Sudeste. Tal estratégia, aliada à expansão dos territórios nacionais dos países onde está inserido o território *M'byá*-Guarani, nos Países Uruguaí, Argentina e Paraguai (FIGURA 1) fez com que os índios ficassem longe de suas terras tradicionais, locais sagrados, havendo inclusive situações em que os atuais acampamentos de “beira de estrada” são criados próximos a esses locais, que atualmente são propriedades privadas.

Para “viverem” e “usufruírem” de seus antigos locais os indivíduos *M'byá*-Guarani arriscam-se em incursões nessas áreas privadas de que foram soberanos outrora, em busca de mel, remédios na mata, caça e pesca e matéria prima para o artesanato (TEMPASS e SILVA, 2009), aspectos que identificam o território *M'byá*-Guarani. Acrescente-se à mobilidade motivada por visitas a parentes e amigos, o fato de os *M'byá*-Guarani mudarem-se muito de residência, raramente morando mais de cinco anos no mesmo local. Esses deslocamentos são causados por desavenças políticas ou xamânicas, sendo muito comum à motivação onírica para tal, ou seja, o indivíduo *M'byá*-Guarani recebe mensagem dos deuses mandando caminhar. Em muitos casos, a população indígena sai e a aldeia permanece (TEMPASS e SILVA, 2009). Essa sentença explicita a mobilidade *M'byá*-Guarani, com o conhecimento de seu território e o respectivo sentimento de pertencimento étnico/identitário. Cabe comentar

aqui que, conforme constatei quando uma das aldeias da região da pesquisa, a do Campo Molhado, ficou sem moradores por cerca de oito meses, a população não-indígena começou a circular pela área, apanhando pinhão, caçando e extraindo madeiras nativas.

O objetivo deste trabalho consiste em construir a narrativa sobre a história de vida de núcleo familiar *M'byá*-Guarani assentado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em Riozinho, de modo a descrever os deslocamentos e os desdobramentos vivenciados por esse núcleo. Esta construção/reconstituição enfatiza a mobilidade do núcleo familiar, suas motivações e a relação deste núcleo familiar com o Desenvolvimento Rural.

Para operacionalizar este objetivo, foram identificadas as principais motivações para os deslocamentos realizados, considerando aspectos específicos deste núcleo relativos à cultura *M'Byá*-Guarani bem como suas relações sociais com a sociedade envolvente e demais grupos e indivíduos *M'byá*-Guarani. Além disso, foi realizada a reconstituição da trajetória do núcleo familiar a partir de imagens capturadas desde a sua chegada no município de Riozinho no ano de 2000.

Para fins de organização textual, este trabalho será organizado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda as questões relacionadas à territorialidade e mobilidade *M'Byá*-Guarani além de um pouco de sua cosmovisão.

O segundo capítulo trata de uma narrativa oral a partir de entrevistas com o *M'Byá* Alberto Brisuela. Já, o terceiro capítulo apresenta uma caminhada com Alberto Brisuela apresentando sua propriedade em que é possível observar uma área caprichosamente trabalhada através de décadas por seus ex-proprietários, agricultores familiares eurodescendentes de origem ucraniana.

## 2 TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE M'BYÁ- GUARANI

Neste capítulo, falarei sobre a mobilidade M'byá-Guarani, algo implícito a essa cultura, abordando seus deslocamentos, as motivações para tal, bem como a sua territorialidade.

### 2.1 Deslocamentos M'Byá-Guarani

Grandes migrações Guarani (FIGURA 1) ocorreram em função da colonização portuguesa no Brasil, afim de seus indivíduos se precaverem e “enfrentarem” os apresamentos ocorridos. Nessas migrações, nos quais os deslocamentos, a mobilidade espacial iniciada mescla-se nas suas motivações mantenedoras da cultura com um profetismo de algumas lideranças religiosas que, ao prever o fim do mundo em sonhos (NIMUENDAJU, 1987) recomendam uma migração para o Leste, rumo à “Terra sem Mal” (*yvy mara ey*). Esse mito importante fala de uma terra onde não há morte e a terra provê seus frutos por si mesma e há muita fartura (CLASTRES, 1975). Esse mito norteia a vida dos M'Byá - Guarani.

As migrações em busca da Terra sem Mal duraram um século, de 1850 a 1950 (JECUPÉ, 2007), sendo que é a partir dessa época a criação de reservas indígenas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com o intuito de “preservá-los” e “protegê-los” (NIMUENDAJU, 1987).

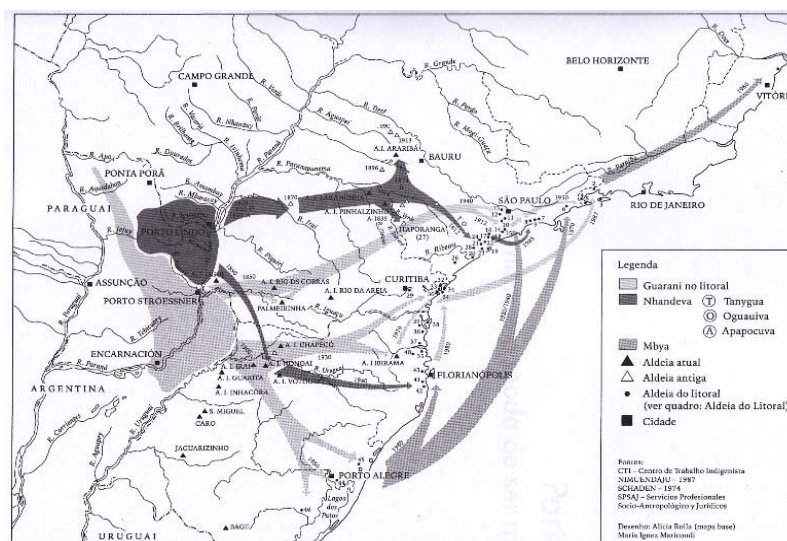


Figura 2 - Ilustração das migrações M'Byá-Guarani

Fonte: (ROLLA E MARICONDI, 2007 apud LADEIRA, 2007, p.69)

Os Guarani no Brasil subdividem-se em três grupos: *Nhandevá*, *Kaiowá* e *M'byá*, sendo esses últimos, a grande maioria dos habitantes da região Sul do Brasil. O grupo familiar aqui abordado pertence a parcialidade *M'Byá-Guarani*. Essa monografia de curso de graduação vai abordar a trajetória de um grupo familiar *M'byá-Guarani*, que tem seu território predominante no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Uruguai, Argentina, Paraguai, conforme ilustração a seguir.



Figura 2 -Território *M'Byá-Guarani* no Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.  
Fonte: LINHARES (2009 *apud* TEMPASS e SILVA 2009).

Há importantes aspectos na cosmologia *M'byá-Guarani*, entre os quais aquele que dá conta de um grande dilúvio (*Iporum*) que destruiu a terra perfeita (*Yvy Tenondé*), o planeta Terra mesmo, mas os *M'byá* não morreram, por terem recebido nova chance dos deuses. A partir daí uma nova Terra foi concebida a fim de proporcionar aos *M'byá* atingirem o mundo sobrenatural, porém essa segunda Terra (*Ywy Pyau*) é imperfeita, fazendo com que todos os *M'byá* passem por dificuldades, provas nessa vida (CADOGAN, 1997; CLASTRES P, 1990; CLASTRES H, 1978 *apud* TEMPASS e SILVA, 2009).

Esse imenso território, conforme figura 1, é o “Mundo *M'byá* Guarani” (TEMPASS e SILVA, 2009) e inserido nele estão as aldeias (*tekoá*) e acampamentos formando como que ilhas (TEMPASS e SILVA, 2009). Essas aldeias são eleitas tendo como princípio básico alguns elementos indispensáveis à etnia como abelhas sem ferrão (*jate'í*), mato com caça, curso(s) de água para pesca, taquara (*takuá*), jervivá (*pindó*), porco do mato (*koxi*), área

agricultável e de coleta, características essas que denotam a presença de *Nhanderú* (divindade principal), como criador da área para os *M'byá* Guarani morarem (TEMPASS e SILVA, 2009).

Por ser um vasto território e de forma descontínua, os *M'byá* Guarani caminham muito para visitar parentes e amigos, caracterizando uma grande mobilidade. O caminhar, para os *M'byá Guarani* é indicativo de vida, de “estar vivo” (TEMPASS e SILVA, 2009). *Nhanderú* fez o mundo ao caminhar sobre ele (RODRIGUEZ, 1999 *apud* TEMPASS e SILVA, 2009).

Ocorre, porém que conforme ilustrado na figura 1, o território *M'Byá*-Guarani não tem equivalência com as fronteiras geográficas dos Estados onde está inserido. Um aspecto importante que resulta dessa incompatibilidade é que os *M'byá*-Guarani têm muita dificuldade em cruzar as fronteiras internacionais, por conta de trâmites burocráticos e alfandegários. Conforme Martín Tempass e Sérgio Baptista da Silva (2009):

- 1) a mobilidade *Mbyá*-Guarani faz parte da tradição, os *Mbyá*-Guarani “ocupam” suas áreas a partir da mobilidade “tradicional” de suas famílias;
- 2) a grande maioria das áreas *Mbyá*-Guarani só não foram habitadas em “caráter permanente” em razão das pressões da sociedade envolvente;
- 3) mesmo tendo suas casas em áreas adjacentes os *Mbyá*-Guarani fazem uso – ocupam – de modo tradicional as suas terras.

Os autores supracitados se referem à “sociedade envolvente”, como as cidades erguidas no decorrer dos anos, muitas em território *M'byá*-Guarani (figura 1). A pressão urbana é exercida no Bioma Mata Atlântica através dos séculos, com a construção de cidades que se transformaram em metrópoles e até megalópoles, como São Paulo, situada no Leste, junto ao litoral brasileiro. No Rio Grande do Sul, muitas das grandes cidades se assentaram em territórios indígenas também, não apenas Guaranis, como *Kaingang* e *Charrua* (HEIRICH *et alli*, 2010).

As pressões se fazem sentir como a especulação imobiliária de grandes grupos econômicos, o avanço das cidades, a visão desenvolvimentista dos gestores municipais, estaduais e federais. Some-se a essa já extensa lista, mais recentemente, a pressão exercida pela criação de reservas ambientais em território indígena<sup>1</sup> e que entra em conflito com a sua

---

<sup>1</sup>Quando se tratam de territórios ainda ocupados pelos indígenas, geralmente são áreas com os elementos naturais melhor conservados e que ainda apresentam alta diversidade biológica, em comparação com outras formas de ocupação. Muitas áreas indígenas, com isso, coincidem com áreas de preservação ambiental, o que traz à tona a problemática das sobreposições de áreas.



territorialidade. Um caso emblemático é o do Parque Estadual de Itapuã, por ironia uma palavra originária do Guarani: “*ita*”- pedra, “*Poá*” – irregular (DOOLEY, 1982). Este parque está situado em Viamão (RS), cidade vizinha à capital, Porto Alegre, e passa atualmente por estudos antropológicos junto à FUNAI, apesar do contexto de grande conflito com ambientalistas<sup>2</sup>.

## 2.2 Os *M'byá*-Guarani do litoral do Rio Grande do Sul

O *M'Byá-Guarani* não é um povo nômade, pelo contrário, seu território embora sem marcos delimitadores, é bem conhecido e a despeito de penetrar no interior do continente sul americano, é no litoral do Brasil que se encontra a maioria das aldeias, acampamentos e locais de passagem em suas terras tradicionais. (LADEIRA, 2007).

O *M'byá-Guarani* desloca-se amiúde, motivado pela visitação a parentes dentro de seu grande território. As visitas servem para troca de bens (ASSIS, 2006), para jovens solteiros conhecerem moças solteiras, esposas em potencial (idem, 2006). Através de relato oral a mim feito, Ramón, hoje genro de José Verá, moradores da aldeia do Campo Molhado, no litoral norte do Rio Grande do Sul, disse-me o seguinte: ao fazer a corte à Janaína, sua atual esposa, este não estava só, havia outro jovem *m'byá* interessado na moça, porém, ao ser preterido, o jovem teria alegado que “Janaína é minha parente, por isso que não quis mais casar com ela”. A relação de parentesco e suas imbricações se dão inclusive para justificar uma negativa de namoro e disfarçar o orgulho ferido do rapaz. Cabe aqui comentar que tal parentesco nunca existiu segundo Janaína e Ramón.

Ao contrário de um nomadismo pastoril, a mobilidade *M'byá-Guarani* dá-se dentro de seu território tradicional. As pessoas da sociedade envolvente, bem como setores da mídia, que não conhecem as características culturais *M'byá-Guarani* acusam-nos de vagabundos, “sem eira nem beira”, algo totalmente equivocado senão mal-intencionado baseado em preconceitos (LEWCOWICZ E PRADELLA, 2010) e carregado de ideologia com matizes conservadoras.

Desde as migrações rumo à Terra sem Mal, ao Leste, do outro lado do oceano, os indígenas *M'Byá-Guarani* identificam a Mata Atlântica como seu território e é a partir dessa

---

<sup>2</sup>Para mais informações, ver “Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul - Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos”. Edição da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, dezembro de 2010.

identificação que há a mobilidade dos indivíduos, imbuídos pela relação de parentesco, entabulando visitas a parentes. Vários estudiosos afirmam que as aldeias litorâneas hoje existentes não são derivadas daquelas incursões messiânicas (LADEIRA, 2007). No litoral do estado do Rio Grande do Sul e no entorno da Lagoa dos Patos, bem como na Encosta da Serra, próximo ao Litoral, onde se localiza Riozinho, é que se encontra a maioria das aldeias *M'Byá-Guarani*, como pode ser visualizado na figura 3.



Figura 3 - Aldeias Guarani do Litoral do Estado do Rio Grande do Sul.  
Fonte: LADEIRA (2007, p.50)

Vários estudiosos, porém, afirmam que as aldeias litorâneas hoje existentes não são derivadas daquelas incursões messiânicas (LADEIRA, 2007), citadas anteriormente, realizadas entre 1850 e 1950.

A presença Guarani no território hoje conhecido como Rio Grande do Sul remonta a dois mil anos (SILVA, 2008), sendo esse povo originário da Amazônia. Ambientados em grandes extensões de terra com mata, pesca e caça abundantes, segundo (BROCHADO, 1984,

apud SILVA, 2008) a cultura Guarani é oriunda da “Tradição Policroma Amazônica”, identificação desse autor para dois grupos distintos que têm histórias totalmente separadas nesses últimos dois mil anos: Cultura Guarani e a Cultura Tupinambá.

O sistema de agricultura da nação Guarani, ainda segundo Brochado, aplicar-se-ia nas “várzeas férteis dos rios e planícies costeiras”. O autor acrescenta que o Planalto Sul Brasileiro teria sido ideal para o tipo de agricultura desenvolvido pelos Guarani, no caso os *M’byá Guarani*, não fosse o clima frio, onde não desenvolve a mandioca. Esse parece ser um dos primeiros empecilhos para a prática da agricultura *M’byá* Guarani, no decorrer dos séculos.

Paulatinamente, ao longo dos anos, mormente no século XX, os *M’byá*-Guarani foram perdendo território para a agricultura empresarial, para a pecuária, para a criação de cidades e reservas e parques ecológicos e ambientais.

Os *M’byá*-Guarani circulam na região da atual Riozinho há muitos séculos, numa rota que liga o Litoral aos Campos de Cima da Serra (PREFEITURA MUNICIPAL, 1996) abrigoando-se em cavernas e grutas, com o objetivo de coletar pinhão, histórica fonte de alimentação.

Em Riozinho atualmente existem três áreas indígenas regulamentadas pela FUNAI. Duas delas encontram-se na localidade Km 45, uma é onde está a família de Miguel Brisuela, denominada de *Itapoty*, em português “Flor de Pedra”. Essa aldeia tem uma configuração diferenciada, já que Miguel tem três esposas e cerca de doze crianças de doze anos ou menos. A prática da poligamia não é incomum entre os *M’byá*, porém esse trabalho não tem como objetivo discutir tal tema. A aldeia de Miguel, conta atualmente com cerca de dezoito pessoas.

Um pouco mais adiante se localiza a nova área onde mora o núcleo familiar de Seu Alberto Brisuela, pai de Miguel, a já nominada “*Pindoty*”, que em português significa “muitas palmeiras”. Mais afastada e de difícil acesso está assentada a aldeia “*Nhuu Porã*”, em português “campo bom, bonito” onde moram três famílias atualmente, com cerca de dezoito moradores, cujo cacique é José Verá. Essa última tem parte de seu território pertencente a Riozinho e a maior parte pertence a Maquiné e é conhecida principalmente pelo nome de Barra do Ouro. Tal denominação dá-se por existir uma trilha que liga a referida aldeia à localidade da Barra do Ouro, em Maquiné. Essa aldeia é conhecida também por Campo Molhado: “terra indígena de muita chuva, cerração e às vezes até neve” (conforme relato oral de José Verá, 2007).

Segundo relato de Beatriz, esposa de José Verá, que mora na área há muitos anos, cerca de vinte e sete anos, seu pai já habitara tal aldeia e está ali sepultado. Os *M'byá*-Guarani dessa aldeia têm preferência por circular mais pela Barra do Ouro/Maquiné ao invés de Riozinho, por uma questão logística, o que não impede de irem a Riozinho para visitar os dois outros núcleos *M'Byá*, fazer compras, além de parte deles votar em zona eleitoral existente na localidade de Km 45.

As relações de parentesco entre os moradores dessas três áreas indígenas citadas são a de pai e filho entre Seu Alberto e Miguel Brisuela, além de a cunhada de Seu Alberto, Maria Rosa, também moradora da nova aldeia *Pindoty*.

As relações de convivência entre os moradores da área de José Verá, na aldeia do Campo Molhado, e as duas áreas da localidade do Km 45 são de cordialidade, embora a prática da poligamia por parte de Miguel Brisuela não seja bem vista pela família de Seu José Verá.

Muitas famílias *M'byá*-Guarani porém, viveram e ainda vivem ao longo de todo seu território em acampamentos de “beira de estrada”, aguardando o longo processo de regularização de terras indígenas (TI's) sendo que, algumas destas, há mais de 25 anos segundo relato de liderança guarani em recente encontro denominado de “Encontro de Saberes Tradicionais *Yva'a* na Aldeia *Anhetenguá*, da Lomba do Pinheiro em Porto Alegre em 29 de abril de 2011<sup>3</sup>.

Os acampamentos existentes hoje no Rio Grande do Sul não são reconhecidos pela FUNAI como uma aldeia, apesar de acima haver o relato de grupo estar a 25 anos em um mesmo local à espera de desapropriação para fins de assentamento indígena, recebendo assistência médica da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), além de cestas básicas e outros serviços da FUNAI.

Atualmente, conforme relato feito a mim pelo funcionário da FUNAI Francisco Witt, está havendo vistorias de áreas para aquisição com vistas à realocação de grupos indígenas *M'byá*-Guarani.

Os recursos para a citada aquisição são provenientes de verbas existentes por ações de medidas compensatórias em áreas do entorno da rodovia BR 101, no Litoral gaúcho. Essas verbas fazem parte das medidas mitigatórias, necessário para a duplicação dessa rodovia, sendo a área de Seu Alberto Brisuela, parte desse processo. Além da aquisição de área em

---

<sup>3</sup>A Lomba do Pinheiro é um dos locais de deslocamento pelo qual passou a família Brisuela, que será abordado no capítulo seguinte.

Osório onde foi realocado o grupo liderado por Avelino Gimenez, na denominada Aldeia de Interlagos, tendo um grupo de cerca de dez famílias oriundo da aldeia do Campo Molhado se deslocado para ali. Faz parte do rol de aldeias atingidas pela duplicação da rodovia a aldeia de Torres, além de já estar sendo feitas vistorias para aquisição de área para assentar o núcleo familiar de Miguel Brisuela, filho de Seu Alberto, conforme relato daquele. Cabe aqui ressaltar que a área de doze hectares onde localiza-se a aldeia *Itapoty*, onde Miguel Brisuela habita com sua família é cedida pelo Estado do Rio Grande do Sul e não pertence à FUNAI. Está em andamento um projeto em parceria de organização não governamental e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul abrangendo a área de Campo Molhado e Interlagos com objetivo de resgatar sementes crioulas tradicionais do subgrupo *M'byá*, plantá-las e distribuí-las por várias aldeias. Esse projeto tem a participação de jovens lideranças, visando resgatar valores culturais importantes perdidos pela etnia, através de suas sementes.

Projetos propostos e em execução em aldeias *M'byá*-Guarani, atualmente, mais do que uma fonte de renda para o(s) participante(s) tem várias outras imbricações positivas e negativas. Positivas no sentido de valorizar a etnia, aumentando sua autoestima, sua visibilidade no contexto social da sociedade envolvente, resgatar junto às crianças e jovens, valores culturais que fazem parte de sua história. Quanto às imbricações negativas a principal delas dá conta de certas desavenças ocasionadas por disputa de cargos em projetos. Cabe aqui ressaltar que a origem dessa disputa pode advir de uma abordagem equivocada por parte dos pesquisadores junto ao grupo. São novas possibilidades sendo abertas pelo contato com o branco e que podem ser vistas estrategicamente como melhores.

As sementes para os *M'byá* principalmente do milho (*avaxi*), além dos propósitos agrícola-nutricionais tem uma conotação religiosa importante. Segundo José Verá, *M'byá* da aldeia do Campo Molhado, em Riozinho/Barra do Ouro, os milhos Guarani têm quatro cores e relacionam-se aos quatro pontos cardeais, cada qual por sua vez, a uma divindade, a ver: o milho branco é da divindade *Karay* e é plantado no quadrante Norte após uma reza à divindade; o milho vermelho é de *Tupã* e é plantado no quadrante Sul após a respectiva reza; o milho de *Jakaira* é plantado a Oeste e tem a cor salmão; finalmente a Leste cultiva-se o milho amarelo, de *Nhamandu*.

Dez anos se passaram desde meu primeiro encontro com os *M'byá*-Guarani, fixei residência em Riozinho e uma relação de amizade e confiança foi consolidada entre eu, minha mulher que já os conhecia e o grupo indígena dos Brisuela mais o grupo do Campo Molhado, liderado pelo cacique Avelino Gimenez. Nesse espaço de tempo fui presenteado com um

cachimbo *M'byá-Guarani (petyngué)*, algo que me lisonjeou sobremaneira visto que, segundo a monografia de fim do curso de História da UFRGS de MARQUES (2009, p. 34) “[...] tratar-se-ia de uma relação pessoa-*petyngué*-deuses. A fumaça, formadora do mundo, é aquela que constrói corpos *M'byá*”].

Segundo Schaden, “uma das peças mais interessantes da cultura material dos *M'byá* é o cachimbo, *petyngué*, de forma típica, feito de barro ou nó de pinho” (SCHADEN, 1974, p. 45). O *petyngué* é fumado sempre na casa de reza (*opy*), serve para rezar, mas é utilizado em outros momentos do dia a dia. Várias comunidades e nações tribais de todo o planeta lançam mão do uso do cachimbo em caráter religioso-cerimonial-espiritual, como algumas tribos norte-americanas, como o grupo Sioux que descrevem a fumaça do cachimbo como sendo a prece visualizada que ao subir ao céu, firma uma conexão terra-céu (SAMS, 1997).

### 2.3 Metodologia e delineamentos iniciais da pesquisa

A presente pesquisa quanto à abordagem é qualitativa, através de entrevistas semi estruturadas (APÊNDICE 1) com perguntas amplas oportunizando aos entrevistados discorrer sobre os temas relacionados à trajetória desse grupo *M'byá-Guarani* que foram registrados em um caderno de campo. As entrevistas foram realizadas com o senhor Alberto Brisuela, sendo complementados eventualmente por outro membro da família, como o filho Miguel. Os dados das entrevistas eram complementados por observações do dia a dia na propriedade registradas em imagens capturadas a partir de sistema de fotografia digital. Assim, tomo como procedimento o uso de ferramentas etnográficas, posto que segundo Eckert e Rocha (2005) *apud* CUNEGATTO (2009, p. 22), a etnografia “vislumbra o tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narradas pelos sujeitos<sup>4</sup>” utilizando para tal, também recursos imagético-fotográficos.

As imagens fotográficas capturadas para essa pesquisa servem para ilustrar o novo habitat desse núcleo familiar Guarani, pois segundo Achutti (1997, p. 47), “a fotografia [...] instaurou uma nova forma de olhar, o olhar fotográfico e sua especificidade. As fotografias de cunho social, por exemplo, implicam a alteridade”. Essas imagens, captadas durante a pesquisa, foram complementadas por outras, desse mesmo núcleo familiar, porém em sua morada anterior, na localidade Km 45, em Riozinho, Rio Grande do Sul.

---

<sup>4</sup>Embora este trabalho não se constitua num estudo de memória e sim das narrativas de deslocamento deste grupo, é necessário reconhecer esta relação entre a narrativa e a memória que permite que neste trabalho, as narrativas constituam-se em um processo de conhecer o outro e suas motivações.

O núcleo familiar acompanhado foi do Seu Alberto Brisuela composto por Alberto, chefe da família, sua esposa, Dona Maria Célia, Dona Maria Rosa, irmã da primeira e Luís, filho do casal Alberto e Maria Célia.

Complementarmente aos dados coletados em campo, tendo em vista a relação pregressa do pesquisador com o grupo<sup>5</sup>, lanço mão destes dados, como forma de melhor ilustrar situações e questões que surgiram ao longo do trabalho.

---

<sup>5</sup> Aqui cabe um breve comentário que serve para ilustrar meu relacionamento com os *M'byá*. Há cerca de oito anos fui agraciado com as palavras de José Verá, liderança religiosa importante, ao dizer para mim que sou filho de *Nhamandu*, portanto sou um *kuaray*. Essa informação nesse trabalho acadêmico visa apenas ilustrar a dinâmica cultural-religiosa dos *M'byá*.

### **3 A TRAJETÓRIA (MOBILIDADE) DE UM NÚCLEO FAMILIAR M'BYÁ-GUARANI**

Nesse capítulo são descritos, através de narrativa oral, os deslocamentos feitos pelo núcleo familiar de Seu Alberto Brisuela.

Nas ocasiões que fui à casa de Seu Alberto para uma conversa, agora no papel de pesquisador, encontro-o na varanda, ora limpando feijão (*kumanda*), ora tomando chimarrão (*ka'a*). Após os cumprimentos de praxe, Dona Maria Célia, sua esposa, varre a área e nos sentamos. Estava acompanhado por minha esposa, amiga de longa data dos Guarani. Já havia comentado com Seu Alberto sobre a minha necessidade de realizar um trabalho para a faculdade, meu TCC, e explico-lhe agora que havia pensado, por sugestão de minha orientadora, em ouvi-lo acerca de sua trajetória de vida. Pergunto-lhe o que acha de me falar um pouco de sua vida.

Nesse momento já está conosco Luís, filho mais jovem do casal, que conta com dezoito anos e é consultado pelo pai sobre o assunto, no idioma guarani. Após um diálogo rápido Luís comenta que sim, o pai vai falar. D. Maria Célia traz o chimarrão (*ka'a*) e começamos a conversar. Não ligo o gravador e sim faço anotações do que Seu Alberto fala. Ele mede cerca de 1,60 metros, tem uma predileção por andar vestido com pilcha gaúcha, bombacha, chapéu, botas quando possível.

“Não morei em muitos lugares”, começa a falar. Seu Alberto relata que é nascido em Tenente Portela na Área Indígena da Guarita e tem setenta e quatro anos. Ele conta que ainda solteiro trabalhou como peão nas redondezas da Reserva da Guarita, prática comum e bastante antiga (SCHADEN, 1974), a de os *M'byá* trabalharem como diaristas. Entre os *M'byá* contemporâneos de Barra do Ouro, Maquiné e mesmo de Riozinho essa prática é muito atual, sendo os *M'byá* contratados para trabalhar em lavouras de hortigranjeiros vendidos a Central Estadual de Abastecimento (CEASA).

#### **3.1 O caminhar de Seu Alberto e sua família**

Seu Alberto viveu na aldeia da Guarita até casar com Dona Maria Célia aos vinte e cinco anos. Posteriormente, já com os filhos Miguel e Felipe, segue para a Argentina, na Província de *Misiones*, aldeia denominada *Taranco*, “de 1080 hectares”, em San Juan, ressalta Seu Alberto. “Na Argentina aprendi a lidar com erva-mate (*ka'a*), pinheiro – “pinheiro de



pinhão?, pergunto eu”- ao que me responde: “não! O pinus!”- e eucalipto” - nota-se aí um fator expropriador das comunidades indígenas e tradicionais como um todo, há praticamente meio século já havia plantios de espécies arbóreas exógenas, “substituindo” as espécies nativas, diminuindo a diversidade arbórea, atingindo também a biodiversidade como um todo, inclusive aos seres humanos - pergunto-lhe: “é daí que o senhor tem esse sotaque castelhano?” “Sim!”, responde. Sempre me chamou a atenção seu sotaque “castelhano”, não raro nos comunicamos utilizando expressões usuais campeiras e “gauchas”.

Antes de iniciar minha função de pesquisador, pensava ser Seu Alberto argentino de *Misiones*, pelo sotaque espanhol característico daquela região, algo que não se confirmou. Dos *M'byá* que conheci em Riozinho nenhum possuía tal sotaque, mesmo os vindos de passagem de São Miguel das Missões, Salto do Jacuí, Paranaguá, Morro dos Cavalos, em visita, a parentes nas áreas indígenas de Riozinho.

O segundo destino de Seu Alberto e família, segundo ele, “foi a Pacheca (Camaquã, RS), a reserva mais antiga do estado mas lá a terra é ruim, muita areia e muita água (enchentes), eu gosto de plantar aipim (*mandio*), batata-doce (*jety*), milho (*avaxi*), feijão (*kumanda*)”. Seu Alberto não precisa o período de tempo passado em cada sítio, porém por ele o já citado “não morei em muitos lugares”, o que pode depreender-se que seja por um período relativamente longo, pelo menos em alguns dos lugares citados. Em Riozinho, por exemplo, já está há praticamente onze anos, pois chegou dia 25 de fevereiro de 2000.

Após um período na Reserva da Pacheca o núcleo familiar transfere-se para o “Passo da Estância”, às margens da rodovia BR 116-Sul, nos arredores de Barra do Ribeiro. Nesse local a família comercializou artesanato como cestos e balaios, colares (*mboja*) e “bichinhos” de madeira (*vixu ranga*). Seu Alberto me diz que “na beira da estrada é melhor para vender por causa dos carros que passam na estrada”, porém um atropelamento fez com que Seu Alberto se movesse de novo em busca de um lugar para si e sua família. “Um carro atropelou e matou uma menina, filha do Miguel, tinha nove anos, hoje teria vinte e cinco...”, diz Seu Alberto, com o olhar melancólico lembrando o fato. É fato recorrente no Rio Grande do Sul esses casos amplamente divulgados pela imprensa, dos atropelamentos de moradores indígenas da beira das rodovias e estradas vicinais.

Posteriormente a família se desloca para a nova Reserva da Lomba do Pinheiro em Porto Alegre. Por lá ficou por cerca de três anos, “fui o primeiro morador” me diz Seu Alberto, que segue “lá na Lomba plantava um pouquinho”. Pergunto-lhe se vendia algo para os não-índios (*juruá*) na capital, no que ele me responde negativamente, “era só para comer!”.

Por haver uma disputa política na Reserva da Lomba do Pinheiro, já que Felipe, filho de Seu Alberto, pretendia o cargo de cacique na nova reserva, o que acabou não ocorrendo e fez com que o núcleo familiar deslocasse-se para Riozinho. O histórico desse estabelecimento está contemplado na Introdução dessa monografia.

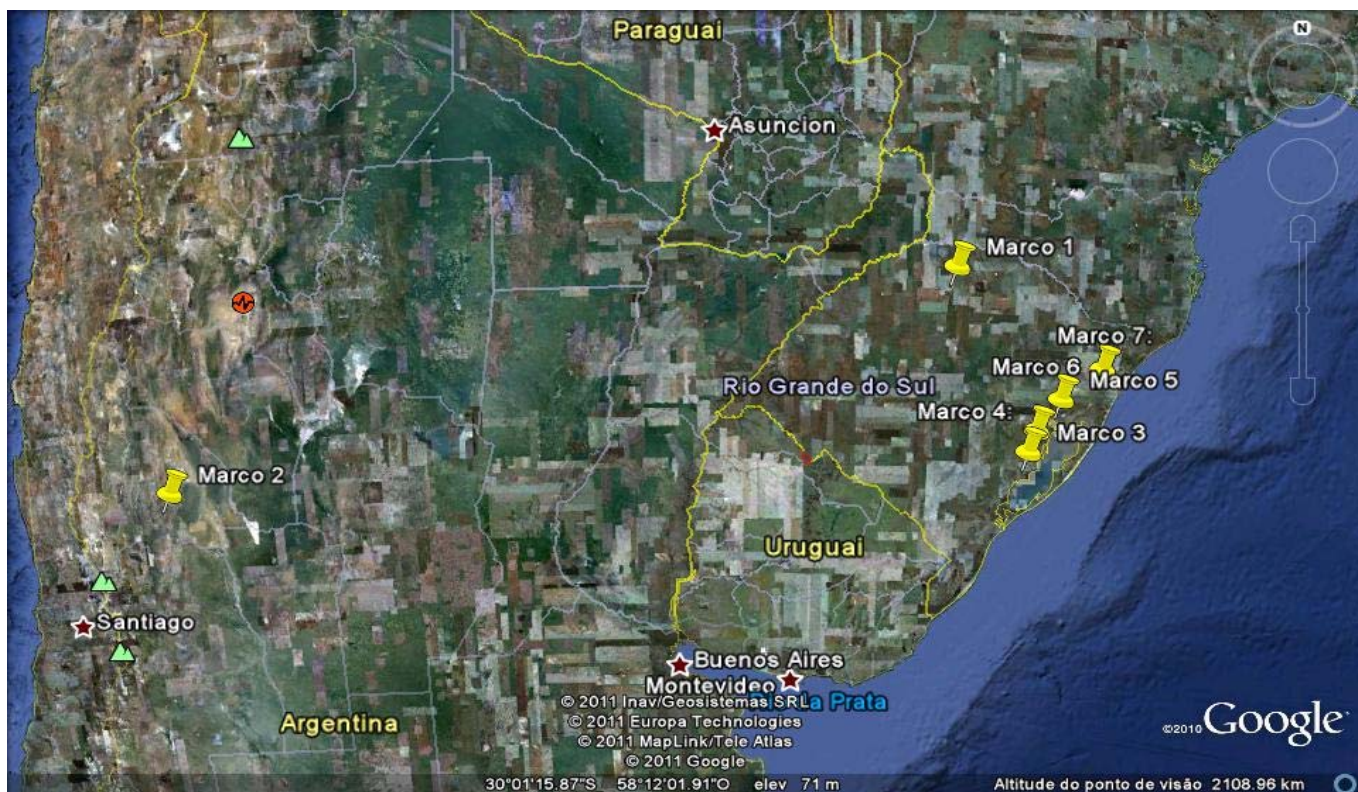


Figura 04: Trajetória percorrida por Seu Alberto. Fonte: GOOGLE

Marco 1: Terra indígena, Barra do Guarita, Tenente Portela

Marco 2: 25 anos vilarejo de San Juan, Missiones, Argentina

Marco 3: Terra Indígena da Pacheca (Camaquã, RS)

Marco 4: Passo da Estância (entre Camaquã e Barra do Ribeiro), às margens da BR 116 Sul

Marco 5: Lomba do Pinheiro, Porto Alegre

Marco 6: Aldeia Itapoty Km 45 Riozinho, de 2000-2010

Marco 7: Aldeia Pindoty Km 47 Riozinho, a partir de junho de 2010

Em 25 de fevereiro de 2000, o núcleo familiar composto por Alberto e Maria Célia e Luís, com sete anos, Miguel e Maria Cristina, Felipe e Bernardina chegam a Riozinho.

O local onde as três famílias se instalaram possui uma declividade de cerca de sessenta graus e doze hectares sendo metade aproximadamente no terreno onde posteriormente foram

construídas casas e a outra metade do outro lado da estrada RS – 239, composto por capoeira e capoeirão, onde posteriormente foi plantada uma pequena roça de milho (*mbaety avaxi*).

Nos dez anos que se seguiram – “passei muito trabalho logo que cheguei aqui” segundo Seu Alberto – pude acompanhar suas lutas e batalhas em forma de reivindicações legítimas, nas esferas municipal, estadual e federal e suas conquistas e muitas não-conquistas. Em 2003 Seu Alberto e D Maria Célia foram aposentados, aos moldes da aposentadoria rural nacional, no valor de um salário mínimo nacional cada. A partir desse fato percebe-se uma interação maior entre o casal Guarani na comunidade de Riozinho. No início de cada mês o casal se dirige à cidade para receber, levam sempre algumas crianças, interagem com os não índios (*jurua*), fazem compras, gulodices para as crianças, farinha branca para o *xipá* – mistura de água, sal e óleo e farinha amassados na mão e posteriormente “esticados” e deitado à frigar no óleo ou gordura animal quente – óleo, feijão (*kumanda*) quando não tem o seu plantado, macarrão (*pireu*), às vezes alguma proteína animal, frango ou carne de vaca.

Invariavelmente compram guaraná. Na verdade apreciam muito e parece que é uma constante entre os *m'byá* do país todo como relata Pissolato: “E com as carnes vem também a lista dos itens comprados: *kumanda* (...) “trigo,”(...) arroz, macarrão (*pireu*) e ‘guaraná’ (PISSOLATO, 2006, p. 65).

Seu Alberto foi o último a receber uma casa. Os dois filhos já tinham as suas, de tábuas, mas o pai continuava embaixo de uma lona azul, junto com suas galinhas (Figura 05).

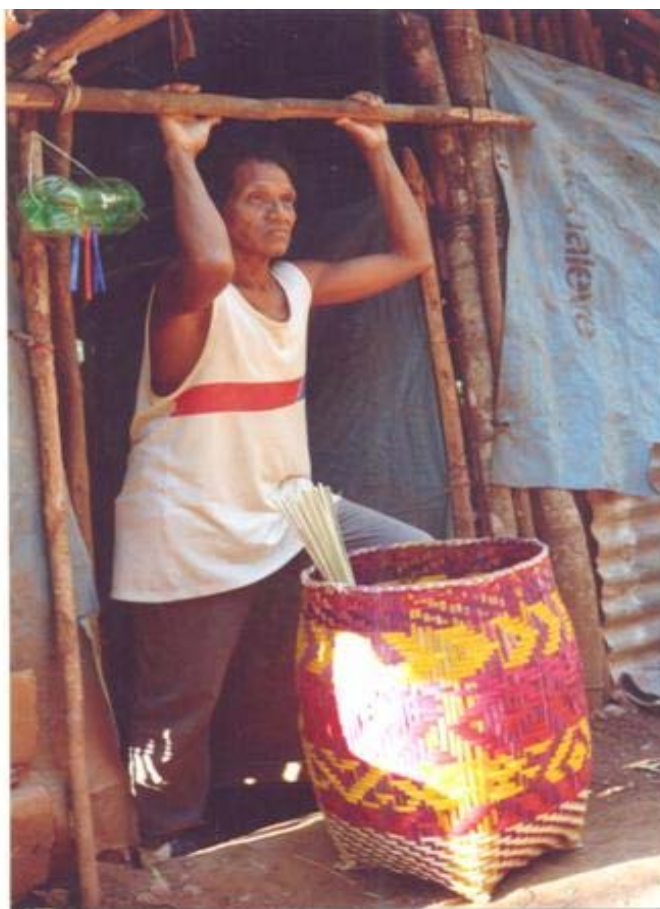


Figura 05: Seu Ablerto em seu barraco, Riozinho, RS.  
Fonte: Paulo R. M. Fernandes, 2003.

Seu Alberto sempre foi um *M'byá*-Guarani agricultor e criador de galinhas. Mesmo enquanto morou precariamente na primeira área em Riozinho nunca deixou de ter seus pintos, galinhas, ovos, o que é fator importante na qualidade de alimentação da família e também como uma fonte de renda, visto que ele vende pintos, ovos, galinhas. A criação de galinhas é uma característica de Seu Alberto. Ele gosta da atividade e, como descreve Elizabeth Pissolato em sua tese de doutoramento, “é preciso dizer que a dedicação a determinada atividade envolve em grande medida as escolhas pessoais” (PISSOLATO, 2006, p. 55).

Amplio a definição da autora acrescentando, no caso de Seu Alberto, a escolha pela criação de galinhas pode denotar uma vontade/tendência por ficar durante um espaço de tempo razoável no lugar onde escolheu viver. Recorro mais uma vez à autora supracitada na corroboração do que ela escreve: “Escolher um local para viver, optar entre ir e ficar (...) essas são sempre escolhas que envolvem, além das oportunidades concretas em cada caso, percepções sobre o próprio estado de contentamento e impressões sobre as possibilidades de alterá-lo” (PISSOLATO, 2006 p. 94). A lógica *M'byá* de identificação com alguma atividade



(PISSOLATO, 2006) parece ser ratificada no caso de Seu Alberto e a confecção de balaios, atividade artesanal a que se dedica (figura 5). Outros indivíduos *M'byá* identificam-se com a feitura de colares ou as esculturas zoomorfas, os por ele denominados “bichinhos”.



Figura 06: Seu Alberto, Dona Maria Célia e Luís.  
Paulo R. M. Fernandes, 2004.

Na nova morada de Seu Alberto se encontra um pomar com pêssegos, nespereiras, uvas e muita araucária (*Araucaria angustifolia*) produtora de pinhão, alimento importante para os *M'byá* (figura 06) e também um plantio de eucalipto em ponto de corte.



Figura 07: Seu Alberto e Luís juntando pinhão.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2011.

O pinhão os indígenas sabem como colher, transportar e vender. É uma fonte de recursos econômicos e alimentares importante para a família Guarani. Quanto ao pomar além de algum membro colher algumas frutas para comer, não serão aproveitadas as frutas para vender ou fazer conservas, pois obviamente não é da cultura Guarani cozinhar geleias ou *schmiers* como o fazia a família antiga moradora da área. O plantio de eucalipto vai render um bom dinheiro quando for cortado, e Luís, filho jovem de Seu Alberto e Dona Maria Célia já faz planos: “Quero comprar um carro ou uma moto, é longe”, apesar de ser apenas quatro ou cinco quilômetros acima da antiga morada e haver transporte coletivo na porteira de casa.

Percebe-se o fascínio pelo consumo, tudo uma novidade. Percebe-se ainda uma “jurualização” – neologismo que tenta traduzir o grau de identificação dos indivíduos *M’byá* com os não índios (*juruaá*), e seus valores de consumo e comportamento. Luís, apesar de em sua fala dizer que quer valorizar e resgatar antigos valores e hábitos *M’byá*, percebe-se que ele já anda vestido com roupas compradas, tênis novos e cabelo estilo moicano com gel, igual aos outros rapazes de sua idade (figura 07).



Figura 08: Seu Alberto e Luís na varanda de casa.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2010.

Luís diz que não quer casar, embora os *M'byá* o façam mais jovem, por volta de catorze anos (SCHADEN, 1974). Egon Schaden conviveu com os Guarani e produziu sua obra etnográfica em meados do século XX e como a cultura é muito dinâmica e não estanque, o que na época podia ser considerado usual e comum, como o casamento por volta de catorze anos, hoje já não o é. Percebe-se que os valores mudaram um pouco, se anteriormente almejava-se casar aos catorze anos, hoje há muitos casos, inclusive em Riozinho, de jovens *M'byá*, homens e mulheres, que almejam outras coisas, como ter bens de consumo duráveis ou não. Egon Schaden foi o grande etnógrafo que estudou a aculturação *Guarani*, tendo sido reconhecido por isso. Ora, o que ele chama de aculturação em 1954, ano em que escreveu o clássico “Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani”, hoje pode ser descrito como uma adaptação dos *Guarani* em seu modo de sobreviver na sociedade dos não índios (*juruá*). Luís, assim como o núcleo todo, não está fazendo artesanato.

Aqui cabe um questionamento: será que esses *M'byá* que recebem salários e ou aposentadorias e já não se interessam em fazer artesanato, pelo menos na atualidade, não o fazem por esse motivo, o de receberem provimentos? Luís diz que quer ficar em casa, cuidando dos pais e afirma que quer trabalhar em “projeto”. Cabe aqui esclarecer que o grupo

do Seu Alberto, bem como o núcleo de seu filho Miguel, assim como o outro grupo *M'byá* de Riozinho, a aldeia do Campo Molhado, participarão de projeto ambiental financiado pela empresa estatal PETROBRÁS, em convênio com uma organização não governamental da área ambiental e cultural no qual Miguel e Luís receberão salários. Os projetos de ONGs, universidades e quaisquer outros proponentes são sempre muito bem vindos, pois via de regra há um salário pago a algum membro de algum núcleo familiar. O problema é que causa ciúmeira por parte de quem não é contemplado pelo pagamento (PISSOLATO, 2007), por vezes levando a algum tipo de desgaste entre as partes, quando não algum atrito.



#### 4 A MORADA MAIS RECENTE: ALDEIA PINDOTY

As benfeitorias que existem na propriedade como antigo galpão e antiga leitaria são utilizados para no galpão “fazer foguinho” como costumam dizer e na antiga leitaria mora Dona Rosa, cunhada de Seu Alberto. Percebem-se aí os arranjos feitos e os novos usos para cada instalação. Se há a novidade do fogão a lenha para cozinhar, há o local de acender e manter aceso o fogo ancestral *Guarani*.

Seu Alberto tem parceria com vizinhos onde recebe algumas reses para engordar no potreiro. A parceria consiste em engordar os animais e quando abatidos pelos proprietários, os *M'byá* recebem seu pagamento, um percentual, em carne. Parece ser uma boa alternativa para a obtenção de proteína animal. Há na propriedade/reserva indígena grande quantidade de tatus, caça muito apreciada pelos *M'byá*. Além disso, Seu Alberto está engordando um porco para o abate, com milho comprado.

Seu Alberto me disse que a pequena roça que fez na atual safra (2010/2011) consiste somente de batata doce (*jety*). Ao perguntar-lhe como havia sido o preparo da terra, respondeu “o trator da prefeitura lavrou”. Percebe-se mais uma vez uma aproximação com os costumes dos não índios (*juruás*) e um distanciamento das práticas agrícolas tradicionais, que no caso dos *M'byá* consiste em agricultura de coivara, ou seja, derruba-se a mata, coloca-se fogo na área em que quer se plantar e após esse processo coloca-se a semente na terra.

Apesar de ser uma prática proibida pela legislação ambiental atual, esse procedimento faz parte da agricultura tradicional *M'byá*, sendo assim executada em aldeias grandes, com muita área de terra, a exemplo da Reserva da Pacheca em Camaquã e Reserva do Campo Molhado em Riozinho.

Na casa principal (figura 09) há um fogão a lenha e, observando Dona Maria Célia ocupada em fazer o fogo no fogão, lembrei de Thoreau, em que esse autor comenta as vicissitudes da vida moderna de sua época: “Nesses tempos de fogões, logo esqueceremos que assávamos batatas nas cinzas, à maneira dos índios” (THOREAU, 2010, p. 242).



Figura 09: Casa de núcleo familiar *M'byá* Guarani, Riozinho, RS.  
Fonte: Paulo R. M Fernandes, 2011.

A casa do Seu Alberto e Dona Maria Célia e Luís é uma bela casa de madeira de árvore nativa, araucária provavelmente, tem três quartos, sala, cozinha e banheiro e uma varanda (figura 10).



Figura 10 – Dona Maria Célia na varanda de sua casa durante entrevista.  
Fonte: Paulo R. M. Fernandes, 2010.

Na negociação com a FUNAI ficaram na casa muitos eletrodomésticos como geladeira, fogão a gás, fogão a lenha, televisão, ou seja, o núcleo familiar foi catapultado de

um casebre de tábuas de eucalipto com energia elétrica a pouco tempo, sem televisão, sem fogão a lenha e a gás, cozinhando em fogo de chão, para uma realidade totalmente nova. Ao perguntar a Seu Alberto e Luís se estavam gostando da nova morada, responderam-me que sim, no entanto sem entusiasmo. Talvez esses confortos da sociedade de não índios não os confortem tanto, como é esperado por essa mesma sociedade, mesmo por que essa propriedade já estava à venda há algum tempo e era cobiçada por muitos agricultores familiares de Riozinho.

Em volta da casa, junto à taipa antiga de pedras, existem muitas flores plantadas, rosas, daquelas antigas, hortênsias, begônias, folhagens, provavelmente cultivadas pela antiga dona da casa. Dona Maria Célia comenta que gosta muito delas, das flores. A água para uso das casas provém de vertente e chega às casas por gravidade, porém está fraca, com pouca pressão, me diz Luís. Ele me diz que a FUNAI vai instalar uma caixa d'água grande. O galpão onde era a leitaria da propriedade, local onde eram ordenhadas as vacas dos antigos proprietários é uma bela construção de cerca de 20 x 10 metros quadrados toda em madeira nobre, como todas as construções. Em tempos de silvicultura<sup>6</sup>, como é o que vivemos, casas construídas de madeira nobre como essas são sinônimo de durabilidade e habitabilidade.

Originalmente as habitações *M'byá* são construídas com elementos encontrados na natureza, tais como taquara, cipós, barro, xaxim. Na aldeia do Campo Molhado as casas são feitas de xaxim com cobertura de taquara, na aldeia da Pacheca, no município de Camaquã, Rio Grande do Sul, são feitas de taquara e barro com cobertura de taquara, salientando-se que a casa de reza (*opy*) sempre é de barro. Como a cobertura é de taquara nas casas tradicionais e com o fogo sempre aceso nas casas, a fumaça sai para o exterior com facilidade não ocorrendo problemas respiratórios.

Dona Maria Rosa, irmã de Dona Maria Célia chegou a Riozinho a cerca de seis anos e passou a morar junto com o núcleo familiar de Seu Alberto. Na antiga morada do núcleo de Seu Alberto, morava junto com o casal e agora na casa nova optou por morar na antiga leitaria, como já foi mencionado, sozinha, na verdade nas vezes que fui conversar com Seu Alberto e Dona Maria Célia, pouco a vi.

---

<sup>6</sup> Remeto aqui a tendência de plantios de eucalipto e pinus e observada no Rio Grande do Sul

#### 4.1 Aldeia Pindoty

O período inicial em Riozinho não foi fácil, segundo Seu Alberto. Segundo ele, sobreviveu fazendo artesanato (figura 11).



Figura 11 – Seu Alberto confeccionando balaios para vender.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes (2001).

Por uma desavença política entre seu filho Felipe Brisuela e outro líder, motivada pela disputa do cargo de cacique, seu núcleo familiar deslocou-se da recém criada aldeia da Lomba do Pinheiro na capital do estado, para Riozinho, em caráter provisório, em uma área de 12 hectares de grande declividade, cedida pelo Governo do Estado.

Sua chegada se deu em fevereiro de 2000 e, até junho de 2011 o núcleo familiar manteve-se no mesmo local, à exceção de Felipe que se mudou para Santa Catarina. Neste local construíram uma casa de reza (*opy*) visando professar sua religião e cultura, além de outros aspectos fundamentais como os sagrados milho (*avaxi*) e cachimbo (*petynguá*) (figura 11).





Figura 12: Mãos *M'Byá* Guarani, de Miguel Brisuela, mostram o milho sagrado (*Avaxi*).  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2001.

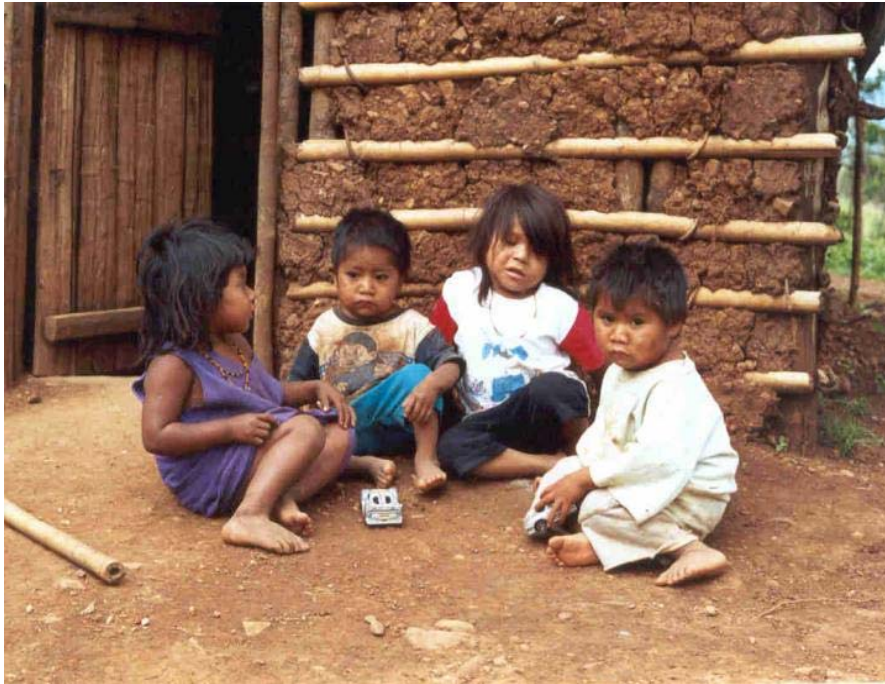


Figura 13: Crianças à frente da casa de reza (*opy*).  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2001.



Figura 14: Miguel Brisuela mostra um *petyngú* de barro.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2001.

Seu Alberto levou-me para percorrer a propriedade. Diz que gosta muito do lugar e que tem vontade de ficar muito tempo. Atualmente, no outono sulino, várias espécies de frutas estão carregadas, como caqui, marmelo, árvores muito antigas, não enxertadas, plantadas pelos antigos moradores eurodescendentes. Há inclusive um pé da planta conhecida popularmente por “palma”, responsável por fornecer os ramos utilizados pelos cristãos no “domingo de Ramos”, durante a Semana Santa.

Tal descoberta faz-me traçar paralelos entre as duas culturas, a eurodescendente e a indígena Guarani. Se por um lado há a palma por outro há a palmeira (*pindó*), tratada pelos *M’byá*-Guarani como representante de sua cultura (TEMPASS e SILVA 2009). Essas duas realidades etnobotânicas deixam em aberto se a palma será aproveitada pelos *M’byá*-Guarani, enquanto os eurodescendentes aproveitam a palmeira para alimentação do gado, sendo essa apenas uma das utilizações da palmeira. Saliente-se aqui que a referida palma é utilizada pelos cristãos para proteger a casa, após ser benta pelo sacerdote no “domingo de ramos”, anterior à Páscoa. Os cristãos costumam queimar a planta em dias de tempestade, pois creem que esse processo protege a residência de prejuízos maiores, como destelhamentos e outros.

Luís me diz que está vendendo eucaliptos como mourão (figura 15). É uma forma de entrada de recursos. Durante essa jornada de reconhecimento pela propriedade, Seu Alberto e Luís apresentam com orgulho as palmeiras (*pindó*) que existem na área (figura 16).

Outra fonte de receita ligada à tradição *M'byá*-Guarani é o pinhão, que é por eles consumido e a venda do excedente é realizada aos vizinhos ou quaisquer outros interessados (figura 6). Outro aspecto a ser ilustrado é o de Seu Alberto estar criando porcos (*kuré*) e conseguindo vender os leitões (figura 18 ).



Figura 15: Luís posa diante de um eucalipto.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2011





Figura 17: Seu Alberto e Luís mostram o potreiro com palmeira (*pindó*).  
Foto: Paulo R. M. de Fernandes, 2011.



Figura 18: Porca com leitões, ao fundo a casa de moradia da família *M'byá*.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes 2011.

Seu Alberto e Luís comentam comigo a vontade de trabalhar com o Turismo recepcionando visitantes, visto que acreditam ser uma boa fonte de renda, pensando em vender seu artesanato e compartilhar sua cultura, além de fazer uso da infraestrutura física disponível, utilizando um galpão da propriedade para transformar em uma espécie de “casa de artesanato ou de [Cultura *M'byá*]”.



Durante uma das visitas feitas à Seu Alberto e família, este me disse que pretende plantar milho - “semente crioula Guarani” ele ressalta, no mangueirão de pedra, (figura 19).



Figura 19 – Seu Alberto contempla local eleito para a próxima lavoura de milho.  
Foto: Paulo R. M. Fernandes, 2011.

## 5 CONCLUSÕES

Percebo, através de minha vivência de dez anos junto aos *M'byá* de Riozinho, um povo doce e alegre, com o qual tenho o privilégio de dividir minha vida. A partir do curso Planejamento e Gestão Para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER), foi possível pesquisar academicamente esse grupo indígena ancestral, o que me fascinou muito e me instiga a prosseguir meus estudos acadêmicos aprofundando-me nesse “Universo *M'byá*-Guarani”.

A mobilidade típica dos *m'byá*, durante a vida de Seu Alberto Brisuela e família iniciou quando o mesmo deslocou-se para a Argentina, a fim de trabalhar como diarista no incipiente ramo da silvicultura, aos vinte e cinco anos, há cinquenta anos, portanto. Era o início da chamada revolução verde no continente sul americano, com a atividade afetando a biodiversidade ecológica e as populações tradicionais, no caso *m'byá*. Esse movimento feito por Seu Alberto teve uma motivação de jovem, “queria conhecer um pouco”, me relatou.

Em um segundo momento, já com a família formada, os dois filhos mais velhos nascidos, muda-se para a aldeia da Pacheca, em Camaquã. Lá vive uma vida tradicional em uma das maiores e mais antigas aldeias do estado, junto ao seu irmão, Félix, cacique da área. O motivo que o levou a essa mobilidade foi a relação de parentesco com o cacique.

Com o intuito de vender artesanato muda-se novamente para um acampamento às margens da rodovia BR 116, na localidade de “Passo da Estância”, entre Barra do Ribeiro e Camaquã. Lá houve um acidente automobilístico que vitimou uma neta de Seu Alberto, filha de Miguel, com nove anos. Por esse motivo desloca-se mais uma vez, desta feita para Porto Alegre, na recém-criada Aldeia Anhetenguá, na Lomba do Pinheiro.

Na Lomba do Pinheiro, Seu Alberto e família ficam pouco tempo, com os filhos já adultos jovens. Felipe filho mais velho, liderança que já sobressai, disputa com outra liderança o cargo de cacique. Na disputa política que se sucede, Felipe desgasta-se e Seu Alberto sai com a família toda, desta feita para Riozinho, em 2000.

Em Riozinho são “descarregados”, por assim dizer, de um caminhão do exército, em uma área de propriedade do Governo do Estado de doze hectares. Nesse lugar fica durante dez anos, até junho de 2010, com Miguel e família. Felipe mudou-se para Santa Catarina há cerca de seis anos, onde é professor e cacique em Araquari.

A partir de junho de 2010, Seu Alberto e esposa, além de Luís, filho de dezoito anos foram assentados em área da FUNAI adquirida para esse fim a partir de medidas de compensação por conta da duplicação da rodovia BR 101.

Nesse local, uma típica propriedade da agricultura familiar, de vinte e quatro hectares, Seu Alberto e família encontraram muitas árvores frutíferas, plantio de eucaliptos, poteiros, casa e galpões, além de uma paisagem deslumbrante.

Seu Alberto interage com seus vizinhos não-índios e faz algumas parcerias como a de receber gado de vizinhos a pastoreio em seus poteiros. Luís está negociando moirões de eucalipto para a vizinhança.

Seu Alberto, em sua Aldeia *Pindoty* (“muitas palmeiras”) – tem muito *pindó!* – me explica a origem do nome, é parte integrante de projeto de ONG com a estatal Petrobrás, que visa a produção e posterior plantio de espécies nativas nas aldeias Guarani. Está muito feliz por isso, um dos indicadores qualitativos de um projeto, que dá conta dos benefícios na esfera pessoal do envolvido. Participar de um projeto na “sua” aldeia é como um *status* para a aldeia, o cacique e demais moradores.

Cabe aqui ressaltar que durante essa pesquisa, bem no final, descobri que Luís é criado como filho por Seu Alberto, porém de fato é seu neto, filho de Felipe.

Atualmente, as escolas estaduais do Rio Grande do Sul têm de abordar a temática indígena nas salas de aula do ensino fundamental e ensino médio por conta da Lei Estadual número 11.645/08, de 2008. Essa nova realidade oportunizará que os jovens conheçam a realidade dos povos nativos do país, sem os estereótipos que até hoje persistem, a partir de um imaginário eurodescendente e colonizador que idealiza os indígenas romanticamente, como se habitassem o “Jardim do Éden” e fossem etéreas criaturas.

O desafio de levar às salas de aula a realidade contemporânea das aldeias e de seus habitantes, bem como suas articulações junto à sociedade envolvente, sua história ancestral, seus mitos e tudo que se refere ao mundo *M’byá*-Guarani, sem maquiagens, ao contrário do que se apregou nos últimos quinhentos anos, divulgando apenas a versão dos colonizadores/“vencedores”.

A temática indígena não está inserida no rol de interesses dos cidadãos comuns, moradores dos centros urbanos, porém as ruas e calçadas onde transitam diariamente ganhando a vida pertencem ou pertenceram eventualmente ao Território Guarani. As mulheres e crianças indígenas que vendem artesanato sentadas ao chão não são mendigas e sim mulheres e crianças *M’Byá*-Guarani ofertando o seu artesanato, representativo de sua cultura e alteridade em seu território outrora tradicional.

O curso Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) com sua ementa multidisciplinar, nos trabalhos de conclusão de curso disponibilizou dez eixos

temáticos e, num universo de três centenas de formandos em treze pólos no estado, apenas três deles se interessaram pela temática indígena, ou seja, apenas 1%. Grosso modo poder-se-ia comentar que esse percentual reflete o interesse que a sociedade envolvente a eles, *M'byá* - Guarani, denota ao tema.

Os *M'byá*-Guarani mantêm sua cultura através da profissão de sua religião livremente, a manutenção de seu idioma, usos e costumes.

Na perspectiva do Desenvolvimento Rural parece ser a manutenção desses usos e costumes, religião, idioma, agricultura praticada, suas sementes tradicionais, o fazer Desenvolvimento Rural, a sua *práxis*. Poderia aqui se traduzir o conceito “desenvolvimento rural” como “desenvolvimento em território indígena”, ação essa que especifica o âmbito desse desenvolvimento, no interior das aldeias, respeitando a alteridade da etnia abordada, bem como a manutenção e eventual resgate de seus saberes, usos e costumes.

Os *M'Byá*-Guarani têm tido a capacidade de manter suas tradições através dos séculos convivendo com as sociedades envolventes de *jurua's*, nós outros, não índios, de maneira que mantenham sua cultura dinâmica, proporcionada pela necessidade de conviver com as sociedades envolventes, e para isso mesmo, acessando novos postos na sociedade, como a Universidade, pelo sistema de cotas, afim de interagir com a sociedade e capacitar-se junto à esta visando, eventualmente, defender os direitos de sua cultura.

O diálogo interétnico resultante do convívio dos *M'byá* com os não-índios se traduz muito na elaboração de Projetos oriundos de Universidades e outras organizações governamentais e não governamentais, no sentido de valorizar a cultura indígena, resgatar valores, usos e costumes perdidos e/ou abandonados no decorrer dos séculos em que há o convívio imposto pela sociedade envolvente de não índios.

Neste século XXI vimos elaborando projetos como o plantio de espécies nativas nas aldeias, educação ambiental, educação indígena, resgate de seus usos e costumes. Parece ser essa uma bela parceria no sentido de continuarmos a nos conhecer, *m'byás e jurua's*.

Ao findar essa breve narrativa, cito um trecho do belo e sensível prefácio escrito por Bartolomeu Meliá ao livro de Maria Inês Ladeira, “O caminhar sob a luz”: “Costuma acontecer com os Guarani: não se caminha impunemente com eles. A luz de seu caminho nos envolve e sentimos a necessidade de comunicá-la a outros, com a mesma sinceridade e entusiasmo com que nos foi transmitida” (MELIÁ, *apud* LADEIRA, 2007).

## 6. REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia**: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial e Livraria Palmarinca, 1997.

ASSIS, V. de S. **Dádiva, mercadoria e pessoa**: as trocas e constituições do Mundo Social *M'byá*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p. 1, 2008.

CLASTRES, H. **Terra sem mal**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

CUNHA, M. C. da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.2 ed..

DOOLEY, R. A. **Vocabulário do Guarani**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982.

CUNEGATTO, T. Um estudo antropológico do cotidiano, memórias e formas de sociabilidade no centro urbano portoalegrense. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HEIRICH, G. O.; PRADELLA, L. G. S.; FAGUNDES, L. F. C; VOLK, M. P.; MARQUES, R P. Presenças Impensáveis: Violência Estatal Contra Famílias Guarani no Sul do Brasil. In: **Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010.

JECUPÉ, K. W. **A criação do Universo, da Terra e do Homem, segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2007.

LEWCOWICZ E PRADELLA. Algumas ideias equivocadas sobre povos indígenas e suas terras. In: **Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010.

LADEIRA, M. I. **O Caminhar Sob a Luz**: território mbya a beira do oceano. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

MARQUES, R. P. **Cachimbo Guarani, uma interpretação etnoarqueológica**. Monografia de conclusão de curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em <[www.lume.ufrgs.br](http://www.lume.ufrgs.br)>, Acesso em 01/12/2010.

NIMUENDAJU, C. U. **As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PISSOLATO, E. **A Duração da pessoa**: Mobilidade, parentesco e xamanismo *M'byá* (guarani) São Paulo: Editora UNESP, 2007.

PRADELLA, L. G. S. e ELTZ, D. D. Mídia de Massa e Anti-Indigenismo no Sul do Brasil do Século XXI. In: **Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010.

**Prefeitura Municipal de São Francisco de Paula**. Publicação da Secretaria Municipal de São Francisco de Paula. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado**: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte americanos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

SCHADEN, E. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. 3 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, S. B. da **Sociocosmologias indígenas no espaço metropolitano de Porto Alegre**, 2008. Disponível na plataforma MOODLE do curso PLAGEDER-UFRGS, acesso em 25/11/2010.

TEMPASS, M. C.& SILVA, S. B. da. **Mobilidade, território e fronteiras nacionais**. Anais da Asociación Latinoamericana de Sociología – ALAS, Buenos Aires, 2009.

THOREAU H. D. **Walden, ou A Vida Nos Bosques**. Porto Alegre: Editora LPM, 2010.

**APÊNDICE 1**  
Roteiro de entrevista semi-estruturada

- 1) Quais os locais onde o senhor morou ou passou em sua vida incluindo o local de nascimento;
- 2) Descreva aspectos relevantes desses lugares por onde o senhor e sua família passaram;
- 3) O que o levou a empreender essa caminhada?;
- 4) Como e por que o senhor foi assentado nessa propriedade?;
- 5) Como o senhor vê a sua vida nesse momento, aqui nessa propriedade?;
- 6) Quais são os seus planos para o futuro?